

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA* NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Camila Lourenço Valim (PIBIC/FA/UEM), Natally Vieira Dias (Orientadora). E-mail: nvdias@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

História/História Latino-Americana.

Palavras-chave: Indigenismo; Revistas Intelectuais; História das mulheres.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de iniciação científica, vinculada ao Laboratório de Estudos em História das Américas (LEHAM-UEM), que analisou a presença de autoras mulheres na revista *América Indígena*, publicação do Instituto Indigenista Interamericano (III), nas décadas de 1960 e 1970. Inicialmente, o objetivo consistia em identificar cada uma das autoras e analisar sua trajetória acadêmica e intelectual, além de suas possíveis relações com a categoria de gênero. Contudo, o levantamento da fonte revelou um expressivo número de escritoras, totalizando 131 autoras, de 25 países diferentes, que publicaram um total de 190 artigos. Diante do positivo e inesperado número, tornou-se inviável uma análise individual de todas as autoras. Assim, o objetivo foi redefinido para destacar as 10 que mais publicaram durante esse período.

INTRODUÇÃO

Publicação oficial do Instituto Indigenista Interamericano, a revista *América Indígena* (AI) foi um dos principais espaços para o debate intelectual sobre a questão indígena no continente. O III foi criado, em 1940, durante o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, realizado no México. A revista AI começou a ser publicada no ano seguinte, em 1941, com periodicidade trimestral.

O indigenismo, de forma geral, como coloca Henri Favre (1999, p. 7-8), é uma “corrente de opinião favorável aos indígenas” e que, a partir da segunda metade do século XIX, passou a integrar projetos nacionais e a se manifestar em diferentes frentes, como produções artísticas e intelectuais, enquanto um “movimento ideológico” que considera os indígenas no contexto de uma “problemática nacional.” O fenômeno teve seu auge entre as décadas de 1920 e 1970, período no qual se insere o recorte temporal da pesquisa.

Sobre o objetivo da pesquisa ser mapear a presença feminina na revista AI, entendemos, como aponta Michelle Perrot (2017, p. 170), que muitas vezes os arquivos históricos tendem a reproduzir o “monopólio masculino do texto e da coisa pública”, tornando difícil identificar a presença das mulheres em espaços de produção de conhecimento e debate político. Este é o caso dos estudos sobre

indigenismo, que normalmente destacam os intelectuais indigenistas homens e quase não abordam as indigenistas mulheres. Mas no caso da revista AI, a análise de suas edições permitiu observar uma expressiva participação feminina.

Realizamos a análise utilizando dos pressupostos da História Intelectual, a partir da perspectiva da Nova História Política, e em diálogo com a História das Mulheres.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa foram utilizados os exemplares digitalizados da revista AI que fazem parte do acervo do LEHAM-UEM. A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi a análise quantitativa, seguida da análise qualitativa, como proposto por René Zicaman (1981). Inicialmente, foi realizada a quantificação de todas as autoras mulheres presentes nos exemplares de 1960 a 1979 e a contagem das publicações por país e por autora. Em seguida, nos aprofundamos nas 10 autoras que mais publicaram na revista no período estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a revista AI, entre 1960 e 1979, identificamos 131 autoras mulheres responsáveis por 190 publicações de 25 diferentes países, como mostramos na tabela abaixo. Esse número mostra uma presença feminina muito mais expressiva do que esperávamos inicialmente.

Tabela de número de mulheres autoras por país e número de publicações

PAÍS	Nº DE MULHERES	Nº DE PUBLICAÇÕES
Alemanha	1	1
Argentina	10	13
Bolívia	4	9
Brasil	6	11
Chile	5	5
Colômbia	5	6
Costa Rica	3	6
El Salvador	2	2
Equador	7	24
Eslovênia	1	1
Espanha	2	2
Estados Unidos	31	37
França	2	2
Guatemala	1	1
Holanda	1	1
Inglaterra	1	1

Itália	1	1
México	32	43
Noruega	1	1
Panamá	5	8
Peru	5	6
Polônia	2	5
Reino Unido	1	1
Suécia	1	2
Venezuela	1	1

Os países com maior número de publicações de mulheres foram: o México (43), os Estados Unidos (37) e o Equador (24). O destaque mexicano pode ser explicado tanto pelo fato de a revista ter sido editada no México, sede do Instituto Indigenista Interamericano, quanto pelo desenvolvimento das ciências antropológicas naquele país na época, quando o indigenismo cumpria um papel central na política estatal (DIAS, 2018). A quantidade das autoras estadunidenses pode ser relacionada à histórica consolidação institucional das universidades naquele país e à maior presença feminina nos cursos universitários desde as décadas anteriores (SANTOS, 2021). Já a presença de autoras do Equador, é algo que chama bastante a atenção. A principal autora equatoriana a publicar em AI foi Gladys Villavicencio, com 17 artigos em menos de uma década – entre 1968 e 1973 –, o que a torna a autora mais presente da revista no período. A forte presença da autora equatoriana na revista AI pode ser explicada por sua conexão com o México. Ela cursou mestrado em Etnologia em uma das mais importantes instituições mexicanas da época, a Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), onde foi orientada pelo reconhecido antropólogo Gonzalo Aguirre Beltrán, que foi diretor do III, entre 1966-1971.

Outras autoras que se destacaram na revista foram Júlia Elena Fortún, da Bolívia, e Maria Julia Pourchet, do Brasil, ambas com 6 publicações.

Esses resultados mostram não apenas a inserção das mulheres em espaços de produção intelectual, mas também sua contribuição para os debates sobre o indigenismo continental.

CONCLUSÕES

A identificação de mais de 100 mulheres na revista AI durante as décadas de 1960 e 1970 e o fato de que elas publicaram quase 200 artigos no total, mostra que a participação feminina foi numerosa e importante dentro do indigenismo interamericano. Apesar delas terem tido um papel ativo na produção indigenista no período pesquisado, esse papel tem sido, em grande medida, invisibilizado, pois raramente as indigenistas mulheres tem recebido o devido reconhecimento por parte da historiografia. A pesquisa realizada buscou preencher um pouco essa lacuna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação Araucária pela bolsa fornecida para que a pesquisa pudesse ser realizada e também a minha orientadora Profa. Dra. Natally Vieira Dias, que com muita paciência, atenção e zelo, me acompanhou e forneceu todo o suporte necessário durante toda a pesquisa.

REFERÊNCIAS

DIAS, Natally Vieira. América Indígena e Boletín Indigenista: as publicações oficiais do Instituto Indigenista Interamericano e as vicissitudes da formação de uma rede intelectual transnacional em torno da instituição indigenista continental (1941-1945). In: COSTA, Adriane Vidal; MAÍZ, Claudio (orgs.). **Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

FAVRE, Henri. **El indigenismo**. México: FCE, 1999.

GONZÁLEZ DÍEZ, Javier. La formación de una antropóloga indigenista: Gladys Villavicencio entre Ecuador y México. In: BRAVO RUBIO, Berenise; RIVERA RODRÍGUEZ, Daniel (coords.). **Huellas e itinerarios: mujeres antropólogas de la Escuela Nacional de Antropología e Historia (1939-2020)**. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2023. p. 191-244.

INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO. **América Indígena: órgano trimestral del Instituto Indigenista Interamericano**. México-DF. (Edições de 1960 a 1977).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Guilherme Gomes dos. **O indigenismo de John Collier na revista América Indígena: órgão trimestral del Instituto Indigenista Interamericano (1941-1963)**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, 2021.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 4, 1981, p. 89-102.